

**FIALHO DE ALMEIDA: CEM ANOS DEPOIS**  
**ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO (org.)**  
 Lisboa, Editora Licorne, s/l, 2011.  
 249 páginas, ISBN9789728661724

Assinalando a data em que passam cem anos sobre a morte do autor de *Os gatos*, organizou a Universidade de Évora um Colóquio dedicado ao notável escritor, crítico e polemista que foi Fialho de Almeida. Ao reunir e divulgar os trabalhos então produzidos, este livro é também uma expressiva homenagem ao mal-amado autor alentejano que marcou a cultura literária do final de Oitocentos.

Figura controversa no espaço público e literário, Fialho não recebeu, no seu tempo, o reconhecimento desejado, o que em parte se explica pelo estatuto de marginalidade que ele próprio cultivou; já menos compreensível foi a desatenção da crítica literária posterior que (com algumas exceções) não deu o devido valor à originalidade da sua escrita e do seu pensamento estético. Uma profunda revisão tem vindo a ser feita nos últimos anos, com a publicação de estudos académicos de grande nível que, no seu conjunto, permitem hoje reposicionar o nome e a obra de Fialho na nossa história literária e cultural.

O volume organizado por António Cândido Franco concorre positivamente para essa revisão. A despeito da amplitude temática e de algum excesso laudatório inerente à circunstância comemorativa, apresenta contributos relevantes para o conhecimento

do escritor e do seu contexto cultural: além de um bom elenco de ensaios crítico-literários e de alguns estudos sobre aspetos complementares (como a língua e as traduções), inclui ainda textos sobre o percurso político e cultural do autor, sobre a etnografia, diversos apontamentos biográficos e um anexo de arquivos documentais.

O núcleo mais substancial (e mais apreciável) do livro é composto, como se disse, pelos artigos de crítica literária, elegendo como base de trabalho a reconfiguração do enquadramento estético do autor. Parece relativamente consensual a tese de que a obra fialhiana resiste aos rótulos tradicionais (romântico, naturalista, decadentista), mas persiste a tentativa de lhe encontrar, mesmo nas leituras recentes, um princípio estético unificador. A tendência para ler a totalidade da obra num sentido de fuga em relação ao naturalismo tem gerado, em alternativa, uma profusão de outros “ismos” igualmente redutores, embora perfeitamente defensáveis consoante o *corpus* selecionado. Isso mesmo se observa no artigo de Carlos J. F. Jorge, que defende a prevalência do parnasianismo (a par do realismo), sustentando o seu ponto de vista num percurso de *close reading* por textos de diferentes fases do autor.

Duarte Drumond Braga prefere deslocar o olhar para a prospeção formal característica do fim de século. A sua abordagem genológica, centrada na forma breve, leva-o a eleger o conto como lugar sincrético desse experi-

mentalismo. Numa linha igualmente prospetiva, Isabel Cristina Mateus vai mais longe, quando fala da “vocação ruptural ou inaugural” de uma escrita que transformou a Decadência numa poética nova, que passa pela despolarização do real e pela pulsão deformante do grotesco: não é pois o decadentismo finissecular que lhe interessa salientar, mas a visionária “febre de novo” que permite aproximar o escritor-pintor das vanguardas modernistas: “Com Fialho não é tanto o século XIX que termina, mas antes o século XX que começa”. Completa o artigo a leitura, em clave expressionista, do texto “A tragédia dum homem de génio obscuro”, onde se prefigura a fragmentação moderna numa autoencenação carnavalesca. Do binómio crise-carnavalização fala também Miguel Filipe M., entendendo a atitude subversiva como tentativa de transcendência, pelo literário, do pessimismo fialhiano. Segundo ele, não há contradição entre o reformismo e a pulsão caricatural: estética e ética encontram-se sob um denominador comum – “a revelação da baixaza comportamental do homem, para condená-la, elevando-a por meio da arte”; ou, numa formulação bakhtiniana, a transposição do sentido tragicómico de “uma civilização em processo de descivilidade através do êxtase carnavalesco”. Eufórico e niilista, o “carnaval” fialhesco pode revelar-se uma forma de cumplicidade humana (“Somos todos a mesma lama plástica e palustre”, escreveu o autor de *Vida irónica*), ou mesmo de expiação coletiva.

O lugar do escritor no espaço público (que é também em grande medida o lugar partilhado do artista, do jornalista e do crítico) constitui outro tópico transversal a vários dos artigos do volume. Paulo Guimarães detém-se justamente nessa problemática – a emergência do intelectual na esfera pública portuguesa – comparando o trajeto de diferentes homens de letras da época; Ana Luísa Vilela centra-se em três escritores alentejanos de gerações contíguas – Fialho, Florbela Espanca e Raul de Carvalho –, todos eles individualistas e “inadaptados”; já Eunice Cabral parte do mesmo contexto para um belo estudo socioliterário de uma figura recorrente em Fialho: a atriz de teatro e *music-hall*. Dividida entre a autonomia relativa do mundo boémio e o constrangimento do mundo burguês – o do dinheiro e dos valores familiares –, a mulher-artista traduz, na sua ambivalência estética, as faces contraditórias da insuperável condição social feminina. Além da fina análise textual, Eunice Cabral aborda com coragem a complexa questão da *écriture artiste*, relacionando-a com a escolha do género (a novela) ou com a indecisão entre os estilos naturalista e decadente.

Saindo da vertente crítico-literária, merecem destaque os contributos de António Cândido Franco, que aqui retoma um anterior e bem documentado estudo sobre a criatividade linguística do autor d’*Os gatos*; de Antonio Sáez Delgado, acerca das traduções de Fialho para língua espanhola – o próprio Sáez Delgado é autor duma recente tradução

de *A ruiva* (*La Pelirroja*, Editorial Periférica, 2005), galardoada com o Prémio Giovanni Pontiero de Traducción; e de Ricardo Revez, com um esclarecedor artigo (síntese da sua tese de doutoramento) sobre a evolução do pensamento político de Fialho de Almeida no conturbado período do fim da monarquia e da revolução republicana.

Uma palavra final é devida à Editora Licorne, pelo grafismo sóbrio da capa do livro, com o pormenor sugestivo de dois pequenos gatos servindo de ilustração.

*Maria Helena Santana*

**DO ULTIMATO À(S) REPÚBLICA(S):  
VARIACÕES LITERÁRIAS E CULTURAIS**  
**ANNABELA RITA E DIONÍSIO**  
**VILA MAIOR (orgs.)**  
**Lisboa, Esfera do Caos, 2011**  
**430 páginas, ISBN 9789896800482**

“O futuro de Portugal não será o presente nem o passado, mas um misto dos dois. Refletir sobre a República (...) é relevante nesta perspectiva (...). Quem não conhece o Século XIX português e, em particular, o seu último quartel, não pode conhecer o século XXI” (p. 203). O tom ensaístico de João Caetano, em “O lugar da República, em Portugal, entre o séc. XIX e o séc. XX”, justifica, nesta citação de *Do ultimato à(s) República(s): variações literárias e culturais*, aquilo que é, deduz-se, a intenção/objetivo dos editores da obra.

Como explicam os coordenadores, Annabela Rita e Dionísio Vila Maior, na apresentação, este livro compila os contributos de participantes no ciclo de Tertúlias LETRAS COM(N)VIDA (título igualmente de uma revista do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), fruto da parceria entre o centro e a Universidade Aberta.

Trata-se de um diálogo multidisciplinar que congregou o contributo de vários nomes da história, cultura e literatura, em torno de vários aspetos da vida coletiva dos portugueses do final do século XIX até à primeira República, sobretudo. Dos 26 textos publicados, diremos que 16 se integram mais na perspetiva histórico-cultural e 10 na perspetiva literário-cultural. A perspetiva económica, social e, por vezes, filosófica, está também presente, por ordem alfabética de autor e não por temática.

O título, abrangente, orienta as expectativas do leitor. Os textos conduzem-nos da angústia financeira do final do século XIX e da crise vivida por D. Carlos à comparação com os sobresaltos um século depois, aos insucessos governativos acumulados ao longo de oitocentos e à intranquilidade que se repercute na literatura, no jornalismo e no teatro, em Lisboa. A nível da cultura literária abordam-se algumas das figuras mais emblemáticas e a reação da *intelligentsia* da época em textos consagrados de Cesário Verde, Fialho